

Descobrimo a cidade para-formal: controvérsias e mediações no espaço público.

Débora Souto Allemand, Eduardo Rocha e Rafaela Barros de Pinho

Como citar esse texto: ALLEMAND, D. S.; ROCHA, E.; PINHO, R. B. Descobrimo a cidade "para-formal": controvérsias e mediações no espaço público. **VIRUS**, São Carlos, n. 10, 2015. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus10/?sec=4&item=1&lang=pt>>. Acesso em: dd mm. aaaa.

Débora Souto Allemand é arquiteta e urbanista. Pesquisadora no grupo de pesquisa "Cidade+Contemporaneidade". Estuda aproximações entre dança contemporânea e espaço urbano.

Eduardo Rocha é arquiteto e urbanista. Doutor em Arquitetura. Professor Adjunto e Pesquisador da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas (UFPeI). Estuda cidade e contemporaneidade.

Rafaela Barros de Pinho é arquiteta e urbanista. Estuda cidade e contemporaneidade.

Resumo

O trabalho tem o objetivo de mapear a para-formalidade em centros de cidades latino-americanas como Bagé, Salvador, Montevideu, Santiago do Chile, Santo Ângelo, La Plata, Pelotas, Brasília, São Paulo e Jaguarão, a partir de cartografias urbanas, fazendo uso de recursos infográficos e divulgação em tempo real por meio de *website*. As atividades consideradas para-formais são aquelas que se encontram no limite entre o formal, tomado como formado, pronto, constituído, e o informal, no sentido de "em formação", "em construção". Tratam-se de atividades comerciais, culturais, relacionadas a moradia, entre outras, encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de sua configuração primeira, mas que na contemporaneidade passam a fazer parte de seu cotidiano. Os sujeitos da instância aqui chamada para-formal são atores da cidade que se apropriam do espaço e se auto-organizam sem nenhuma intervenção do Estado. Suas atuações, muitas vezes, geram controvérsias, disputas, opiniões diversas e debates, já que interferem diretamente na dinâmica da vida urbana e reconfiguram o espaço das cidades. Tais agenciamentos constroem, com outros sujeitos urbanos, a própria cidade – *Do It Yourself*.

Palavras-chave: para-formal, cartografia urbana, espaço público, desenho urbano.

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+<

revista do nomads.usp | nomads.usp jornal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus| vnomads@sc.usp.br

O que é “para-formal”?

Claros, escuros e cinzas, como num filme *noir*, a cidade se apresenta de várias maneiras aos nossos olhos. A cidade possui várias identidades. Ao mesmo tempo em que, ao visitante, se mostra sedutora, convida à descoberta, pode também apresentar um aspecto aterrador, ser a entrada para o universo do desconhecido. Suas esquinas levam tanto a desafios como a surpresas, especialmente quando está em questão o que aqui se chama para-formalidade.



Fig. 1: Mapa de localização das cidades onde ocorreu coleta de dados do “para-formal”. Fonte: <http://www.guiageo-americas.com/mapas/americasul-politico.htm>. Edição: Rafaela Barros de Pinho, 2013.

Este artigo é parte de um projeto de pesquisa que, entre 2011 e 2012, teve como objetivo a experimentação de para-formalidades nos territórios centrais de algumas cidades latino-americanas - Bagé, Salvador, Montevidéu, Santiago do Chile, Santo Ângelo, La Plata, Pelotas, Brasília, São Paulo e Jaguarão (figura 1) -, e as mapeou a partir de cartografias urbanas, fazendo uso de recursos infográficos e divulgação em tempo real por meio de *website*. A pesquisa voltou-se para os espaços não regulados, espaços “anarquistas”, onde se produzem atividades que tendem a subverter diretrizes tradicionais da economia formal, do urbanismo e das relações humanas, que podem gerar mudanças importantes, tanto teóricas como práticas, na maneira de pensar e planejar a cidade.

A cidade contemporânea é um lugar de fronteira, de ruptura, uma cidade de trocas, onde proliferam zonas abandonadas, baldias e, ao mesmo tempo, surgem novas culturas e subculturas, tais como as atividades chamadas para-formais, que são manifestações cotidianas da cidade.

O espaço público das cidades na contemporaneidade não está definido e limitado pelos planos urbanísticos. Em muitas ocasiões, são os habitantes da cidade que decidem qual espaço vai ter caráter público, e qual não; qual espaço cumprirá uma determinada função ou outra. Nesse sentido, surgem o que aqui se denomina atividades para-formais, como "zonas de ninguém", zonas que passam a cumprir funções diversas das quais primeiramente tendiam ter.

Assim, a pesquisa aproximou-se das áreas centrais de cidades, que além de espaços privilegiados de diversidades, são também lugares de densificação de atividades para-formais. Encontra-se, nesses espaços, o "outro urbano", aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano de uma outra urbanidade, através de táticas de resistência e de apropriação do espaço urbano de forma anônima, ou não, mas certamente dissensual. Esse "outro urbano" se explicita no morador de rua, no vendedor ambulante, no camelô, no catador de lixo, na prostituta, nos artistas, entre outros (figura 2).



Fig. 2 – Para-formalidades. Fonte: Débora Allemand, 2013.

Para-formal, termo criado pelo grupo argentino GPA (2010), diz respeito a um conceito de fronteira, que ao contrário da oposição entre formal e informal, é o que busca experimentar a fresta ou o interstício entre categorias, que aqui também se denomina como "cenas urbanas para-formais". Diferente, portanto, das áreas do conhecimento como o Urbanismo e a Economia, que justamente categorizam seus estudos e objetos em cidade e/ou economia formal e informal. O modelo de investigação para-formal se apropria de categorias alternativas para explorar o "campo do meio", as zonas intersticiais da cidade ordinária. Para-formal, nesse sentido, é algo artificial e provisório, algo relativo à forma, mas que ao mesmo tempo não se configura como tal. É um lugar do cruzamento entre o formal, no sentido de formado, e o informal, no sentido de "em formação", entre o previsível e o imprevisível. Para-formal embaralha, assim, os conceitos tradicionais do formal, como o que é amparado pela legislação, e o informal, como o não protegido por leis, estabelecendo-se sobre o que habita a fresta entre eles.

Nessa pesquisa, as atividades para-formais são aquelas que se encontram no limite entre o formal, tomado como formado, pronto, constituído, e o informal, no sentido de "em formação", "em construção". Tratam-se de atividades comerciais, culturais, relacionadas a moradia, entre outras, encontradas no espaço público da cidade, que não fazem parte de sua configuração primeira, mas que na contemporaneidade passam a fazer parte de seu cotidiano. São cenas urbanas,

passíveis de serem individualizadas por imagens fotográficas e anotações. O para-formal no cotidiano das cidades gera controvérsias, disputas, opiniões diversas e debates. Pressupõe relações cidade-corpo e corpo-cidade que, às vezes, são veladas e dóceis, outras reveladas e desobedientes.

Como capturar o para-formal nas cidades?

No decorrer do trabalho, buscaram-se como objetivos: (1) compreender e sistematizar as para-formalidades encontradas nos centros das cidades, com a intenção de dar visibilidade aos fenômenos urbanos da contemporaneidade, (2) analisar a relação da cidade formal com suas para-formalidades, e (3) estabelecer variáveis que permitam ilustrar de maneira clara o espaço e o tempo como sentido básico de orientação, sempre através de elementos de leitura de planos e cartografias, ou seja, imagens, e; errâncias urbanas, como forma de desvendar a cidade dentro da cidade.

Delimitaram-se, a partir desses objetivos, os seguintes procedimentos metodológicos: (1) pesquisa referente às cidades estudadas, (2) coleta de imagens em trechos de áreas centrais de cidades, (3) identificação, análise e classificação dos equipamentos para-formais encontrados, (4) intervenções urbanas a partir dos equipamentos para-formais existentes; e (5) organização de dados referentes à coleta de imagens e análise das atividades realizadas. Conforme os itens abaixo:

A. **Pesquisa referente às cidades estudadas.** Nesta etapa houve uma pesquisa relacionada à cada cidade em que foi feita a oficina, apresentada no próximo item, referente ao número de habitantes, à morfologia urbana, ao histórico da cidade e do território - área central. Pesquisou-se também teoria da imagem e da comunicação. Todos estes dados foram sistematizados em um relatório da pesquisa.

B. **Coleta de imagens exploratórias errantes em trechos de áreas centrais de cidades.** Tratou-se da coleta das imagens realizada a partir de oficinas, configuradas como experimentos coletivos, ministradas para grupos diversos, formados por moradores e não moradores das cidades. As imagens e errâncias foram feitas sempre nos centros das cidades, tendo-se sempre um ponto de saída e um ponto de chegada, mas nunca um caminho determinado a seguir.

C. **Identificação, análise e classificação dos equipamentos para-formais encontrados.** Esta etapa buscou identificar, em cada fotografia feita durante os trajetos de errâncias, os equipamentos para-formais presentes em cada cena registrada, sejam eles bancas, cestos, caixas, bancos, entre outros (figura 3). Após terem sido identificados, com base em atividades realizadas pós errâncias, com o grupo de participantes, foram analisados e classificados quanto ao seu tipo, porte, mobilidade e instalações. Foram feitas também as relações dos corpos com os equipamentos, e o reconhecimento dos elementos urbanos/climáticos que poderiam modificar ou ainda possibilitar as atividades, como o clima, a estação do ano, calçadas, marquises, etc.



IDENTIFICAÇÃO	NOME(S): Cristiane Nunes e Tássia Vasconcelos IDADE(S): 22/24 anos MAIL(S): cristiane_sn@hotmail.com	PROCEDÊNCIA: <input checked="" type="checkbox"/> TURISTA <input type="checkbox"/> NATIVO INSTITUIÇÃO/PROFISSÃO: estudantes de Arquitetura e Urbanismo - UFFe!
DESCRIÇÃO	TEMPO/CLIMA: <input type="checkbox"/> SOL <input type="checkbox"/> CHUVA <input type="checkbox"/> NUBLADO <input type="checkbox"/> VENTO <input type="checkbox"/> QUENTE <input type="checkbox"/> AMENO <input type="checkbox"/> FRIO	DATA: 18/10/12 TURNO: <input checked="" type="checkbox"/> MANHÃ <input type="checkbox"/> TARDE <input type="checkbox"/> NOITE
OCCUPAÇÃO DO ESPAÇO	ATIVIDADE: <input checked="" type="checkbox"/> COMÉRCIO (venda de roupas) <input type="checkbox"/> CULTURA/ARTE <input type="checkbox"/> MORADIA	QUANTIDADE: <input checked="" type="checkbox"/> ÚNICO <input type="checkbox"/> GRUPO
CORPO HUMANO	SENTIDOS: <input type="checkbox"/> CHEIRO <input type="checkbox"/> SONS <input type="checkbox"/> TATO <input type="checkbox"/> COR/TEXTURA <input type="checkbox"/>	LOCALIZAÇÃO: <input type="checkbox"/> VAZIO <input type="checkbox"/> ABANDONO <input type="checkbox"/> ESQUINA <input checked="" type="checkbox"/> passeio, em frente à edfício
EQUIPAMENTO	NÚMERO CORPOS: <input type="checkbox"/> ÚNICO <input type="checkbox"/> GRUPO <input type="checkbox"/>	CONDICIONANTE AMBIENTAL: <input type="checkbox"/> SOMBRA <input type="checkbox"/> MOVIMENTO <input type="checkbox"/> NATUREZA <input checked="" type="checkbox"/> PISO P/APOIO <input type="checkbox"/> PAREDE P/APOIO <input checked="" type="checkbox"/> sob árvore
	PORTE: <input type="checkbox"/> PEQUENO <input type="checkbox"/> MÉDIO <input type="checkbox"/> GRANDE <input type="checkbox"/>	POSICÃO DOS CORPOS: <input type="checkbox"/> SENTADO <input type="checkbox"/> EM PÉ
	MOBILIDADE: <input checked="" type="checkbox"/> MOVEL <input type="checkbox"/> AMBULANTE <input type="checkbox"/> FIXO <input type="checkbox"/>	INSTALAÇÕES: <input type="checkbox"/> ELÉT. <input type="checkbox"/> HIDRO. <input type="checkbox"/> SANIT. <input type="checkbox"/> TEL. <input type="checkbox"/> TV. <input checked="" type="checkbox"/> NENHUMA

Fig. 3 – Tabela de análise das cenas “para-formais”. Fonte: Eduardo Rocha, 2013.

D. **Organização de dados referentes às coletas de imagens.** Com a finalidade de organizar o material obtido, foi compilado um relatório da pesquisa, onde, além de discutir a visão do grupo sobre a para-formalidade, reuniu-se as imagens obtidas de todas as cidades latino-americanas levantadas. Para isso, delimitou-se uma sequência de dados referentes de cada uma das cidades em questão. Primeiramente apresentou-se o traçado urbano, e trajeto de errâncias (figura 4), a seguir foram escolhidas de dez a quinze cenas para-formais destacadas tanto por sua originalidade como por sua repetição.

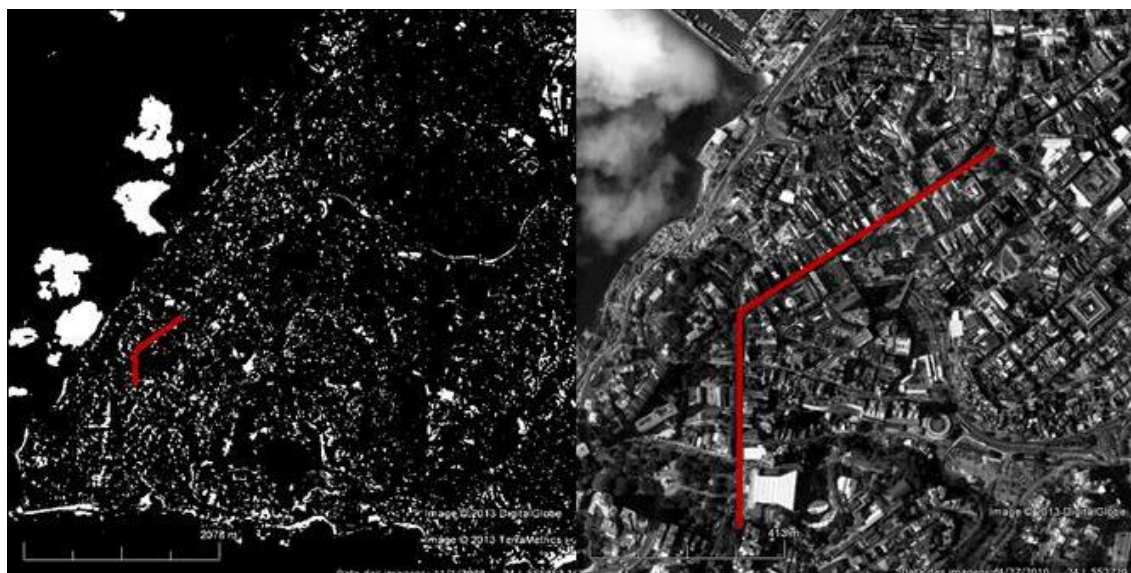


Fig. 4 – Mapas com a demarcação dos trajetos principais das errâncias na cidade de Salvador. Fonte: Eduardo Rocha, 2013.

E. **Análise do material coletado.** Foram feitos alguns cruzamentos das informações obtidas das cidades pesquisadas, destacando-se os tipos de atividades e equipamentos mais ou menos utilizados, relacionando-os com o espaço urbano (figuras 5). Também investigou-se a natureza dos corpos para-formais, buscando-se compreender quais as diferenças de um lugar para outro. Entretanto, as principais análises focaram o espaço público onde

as atividades para-formais encontravam-se, relacionando-o com a prática do urbanismo e do planejamento urbano.



Fig. 5 – Trailers na cidade de Jaguarão. Fonte: Rafaela Pinho, 2013.

Para-formalidades disputam o espaço com novas construções. Bancas de revistas confundem-se com vendedores ambulantes, cartazes anunciando promoções nas lojas misturam-se a anúncios fixados em ônibus. Quando muito se vê, pouco se percebe. Em meio a tantas imagens, e seus acúmulos sincrônicos, o homem se vê e se estranha, em seu próprio abandono.

Tudo que é pequeno desaparece. Mas, se perdemos tudo o que é pequeno, perdemos também nossa orientação, nos tornamos vítimas do que é grande, impenetrável, superpotente. Deve-se lutar por tudo o que é pequeno e que ainda existe. Aquilo que é pequeno confere ao que é grande um ponto de vista (WENDERS, 1994, p. 187).

As sistematizações elaboradas a partir do material coletado levam a algumas singularidades, entre as quais destacam-se:

- **Trailers.** Os trailers são a categoria para-formal de maior evidência nas cidades de Jaguarão, Bagé, Pelotas, Santo Ângelo e Montevidéu (figura 6). São encontrados em locais diversos da cidade, desde a praça central, como em canteiros centrais, ruas de menos trânsito, juntamente com outros aglomerados para-formais. Contrariando as leis municipais, estes, que deveriam ser móveis, encontram-se fixos nos locais que caracterizam pontos comerciais, seja porque estão concretados ou fixos no solo, ou porque possuem alguma estrutura ao seu redor.

Em sua maioria, esses equipamentos para-formais são utilizados para a venda de lanches e alimentos em geral. Com algumas exceções, são utilizados para a venda de vestuário, brinquedos e diversas outras mercadorias. Ainda que tais equipamentos sejam irregulares, que ocupem espaço de estacionamento de carros, ou até mesmo, que prejudiquem o fluxo das pessoas nas calçadas - na maioria das vezes ocupadas por mesas e cadeiras - poucos habitantes de Jaguarão, por exemplo, optariam por uma cidade sem trailers.

O resultado da pesquisa apontou positivamente para o uso de trailers no espaço público, mostrando que as pessoas gostam de ter tais equipamentos em sua cidade, pelos mais diferentes motivos. Seja pelo fato de ser uma prática comum, ou por gerar movimento e maior segurança à noite, ou ainda por se apreciar a comida oferecida - variedade de lanches, por atrair pessoas para um determinado local, entre outros. Cabe ressaltar a péssima qualidade estética e sanitária de alguns desses trailers, que influenciam de forma negativa a imagem da cidade.



Fig. 6 – Trailers na cidade de Montevideú. Fonte: Débora Allemand, 2013.

- **Paraciclos inventados.** O que aqui se chama “paraciclos inventados” são encontrados em grande quantidade nas cidades de Jaguarão (figura 7), Pelotas e Santiago. Qualquer objeto como grade, poste, entre outros, pode servir de apoio para estacionar bicicletas no centro da cidade.

Durante as errâncias pôde-se observar, indiscriminadamente, a enorme quantidade desse uso para-formal de elementos do espaço público e também privado. Esse fenômeno não é observado exclusivamente nas cidades estudadas, mas na grande maioria das cidades que possibilita o uso da bicicleta como meio de transporte, e que, de forma contraditória, tal uso não seja incentivado pelo poder público, ou por iniciativas privadas. A própria cidade parece sugerir, dessa forma, a necessidade de para-ciclos.

Mas, se a cidade não tem espaço para os ciclistas, por que a bicicleta ainda é o meio de locomoção de muitos? Por que ela ainda resiste, re-existe na cidade? Segundo Thaís Portela (2009), as resistências são uma forma das chamadas minorias irem contra os modelos de desenvolvimento ditados por uma suposta maioria. O exemplo mais significativo é o uso do automóvel como o principal meio de transporte urbano, que ocupa a maior parte do espaço das vias e minimiza os espaços para as pessoas. Entendendo as cidades para serem usadas e vividas pelas pessoas, a bicicleta poderia ser uma maneira interessante de experimentá-las e, ao mesmo tempo, ser um meio de transporte eficiente, e que ainda contribui para a diminuição do consumo de energia.

Destacamos aqui que:

- Pedalar na cidade pode ser uma boa forma de senti-la, descobri-la, observando as brechas, as margens, as atividades que acabam passando despercebidas quando andamos de carro ou ônibus, quando entramos na “cápsula” que nos transporta de um lugar a outro, que não nos permite observar o caminho.

- A bicicleta é um meio de expressão da sociedade e “grita” por espaço e por visibilidade. Nem mais, nem menos que os outros modais, ela deve apenas ser considerada no planejamento da cidade e nos projetos de ampliação ou reorganização viária.

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp jornal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus| vnomads@sc.usp.br



Fig. 7 – Paraciclos inventados na cidade de Jaguarão. Fonte: Débora Allemand, 2013.

- **“Para-formal” no formal:** Uma categoria muito recorrente nas cidades de Jaguarão, São Paulo (figura 8), Bagé e Santo Ângelo é o que chamamos de “para-formal no formal” trata-se de atividades “para-formais” que ocorrem anexadas às atividades formais (lojas, restaurantes, etc.). O formal avança sobre o espaço público indiscriminadamente, acomodando-se nas calçadas, fachadas e até mesmo em vagas de estacionamento e caixas de rolamento. Uma extensão das vitrines. É cultural em algumas cidades que os produtos oferecidos pelos estabelecimentos fiquem à mostra para chamar a atenção do consumidor.

Muitas das edificações comerciais são de interesse histórico e são de tipologia residencial (ecléctico-historicistas), dificultando a existência e abertura de vitrines convencionais, assim, o comerciante opta pela exposição da mercadoria para fora de seu espaço privado, gerando o que chamamos de “para-formal” no formal.



Fig. 8 – “Para-formal” no formal na cidade de São Paulo. Fonte: Débora Allemand, 2013.

- **Vendedores isolados móveis ou ambulantes:** Ao andar pelas ruas da cidade, uma atividade que chama atenção são os vendedores isolados móveis (figura 9), são aqueles que tentam vender seu produto sem “ponto comercial fixo” – talvez um território fixo –; mas como não tem um local determinado no mapa da cidade, a cada dia ou hora podem se deslocar, seja a procura de sombra ou de possíveis novos clientes. Tudo num movimento nômade.

Também são encontradas diversas formas de “para-formalidades” ambulantes, aquelas que caminham o tempo todo, se movimentam pela cidade: vendedores de produtos diversos, anunciantes, propagandas sonoras, divulgadores de produtos e estabelecimentos, etc.

V!RUS 10

>DIY//DO IT YOURSELF!+

revista do nomads.usp | nomads.usp jornal
issn 2175-974x | CC BY-NC
www.nomads.usp.br/virus| vnomads@sc.usp.br



Fig. 9 – Vendedores isolados móveis e ambulantes na cidade de Salvador. Fonte: Eduardo Rocha, 2013.

- **Grandes conjuntos “para-formais”:** Conjunto este normalmente conhecido como “Camelôs” (figura 10), trata-se de um aglomerado de atividades “para-formais”, formado por bancas que vendem de vestuário a eletrônicos, passando por alimentos e de tudo o que se possa imaginar. É composto por trailers, bancas e alguns vendedores ambulantes. Na sua maioria as atividades ou equipamentos são fixos no espaço público. Sua implantação não segue nenhum padrão ou regularização definida, embora veladamente os espaços sejam definidos e demarcados. Circular por esses conjuntos é como andar em um labirinto.



Fig. 10 – Grande conjunto “para-formal” na cidade de Jaguarão. Fonte: Eduardo Rocha, 2013.

- **Moradores de rua:** Cenas encontradas em boa parte das cidades estudadas são os moradores de rua (figura 11); pessoas desfavorecidas que por falta de opção, moram em calçadas, normalmente em lugares abertos, porém cobertos com marquises; estas por estarem presentes todos os dias na rua acabam por fazer parte do cenário urbano o qual estamos acostumados a conviver.

Tais moradores na maioria das vezes são pedintes, ou seja, vivem de pedir esmolas nas ruas, coisa que afeta o bem-estar da população que não se sente confortável com esta situação. Infelizmente é realidade em boa parte das cidades da América Latina.



Fig. 11 – Morador de rua na cidade de Montevideú. Fonte: Eduardo Rocha, 2013.

- **Sonoro:** Ao andar pelo centros das cidades há uma categoria que destaca-se pelo som, é composta por cantores e compositores, que se dedicam a apresentar suas canções no espaço público (figura 12). Além de “disponibilizar” a sua música, ao vivo ou em gravação, em troca de dinheiro, os músicos também procuram vender seus produtos personalizados, tais como CDs e DVDs.

O som é uma categoria que merece um estudo específico, pode ser harmonioso ou apresentar-se como poluição sonora no espaço da cidade. São compostos por toda a mistura que o espaço público suporta em suas cordas vocais, por isso às vezes desafina.



Fig.12.Músicos urbanos na cidade de Pelotas. Fonte: Fonte: Rafaela Pinho, 2013.

Cartografias do “para-formal” nas cidades latino-americanas

No decorrer do processo de pesquisa foi necessário um recorte espacial nas cidades escolhendo o centro dessas cidades como alvo do estudo. Centro aqui pensado como o lugar da congregação, complexidade e densidade de cenários “para-formais”, geralmente caracterizados por calçadões, largos e grandes fluxos de pedestres. Esse recorte espacial rebatizou o projeto de: “Para-formal no Centro da Cidade”. As conclusões são tiradas, então, a partir de três frentes, o espaço público, o equipamento e o corpo:

- **Espaço público “para-formal”:** Encontramos para-formalidades nos seguintes espaços: calçadas, marquises, esquinas, abandonos, vazios, entre outros. Acoplamentos aos equipamentos urbanos (banco, poste, lixeiras, etc.) que podem ser referência para os lugares das “para-formalidades”.

Muitos buscam a sombra em lugares onde o clima é quente ou o sol para esquentar nos dias de frio. O movimento do sol e das sombras delimita certo lugar utilizável pelos “para-formais” no espaço público. Encontramos muitos trailers (equipamentos

grandes e fixos) desde a praça até em canteiros centrais de avenidas, ruas de menos trânsito e juntamente com outros aglomerados "para-formais".

Coexistem na categoria "para-formal no formal", onde as atividades "para-formais" ocorrem anexos às atividades formais (lojas, restaurantes, ferragens, etc.). O formal avança sobre o espaço público indiscriminadamente, acomodando-se nas calçadas, fachadas e até mesmo em vagas de estacionamento e caixas de rolamento. Uma espécie de extensão das vitrines.

Concluiu-se, então, que o uso das calçadas pode "poluir a visual" das ruas, porém, em muitas das cidades, este hábito é aceito pela população que inclusive "interage" com os produtos, podendo ver e tocar na mercadoria sem precisar entrar no estabelecimento. Outro destaque é que alguns desses estabelecimentos, em frente às suas instalações, oferecem serviços e equipamentos públicos aos moradores da cidade, como: bancos para descansar, lixeiras, paraciclos, sombra, etc. Observa-se que essa invasão do espaço público quando indiscriminada nos passeios públicos pode obstruí-los e torná-los obstáculos para os pedestres. Nota-se também, sobre os espaços ocupados pelos equipamentos grandes, como os trailers, que esses necessitam de estudos a respeito de onde serão alocados no espaço público: é papel do arquiteto e urbanista planejar os espaços "para-formais".

Outro tipo de "para-formalidade" que necessita de estudo e planejamento são os grandes conjuntos "para-formais", que determinam e afetam, às vezes, grandes zonas da cidade, um território maior que o ocupado fisicamente pelo mesmo. Essas zonas devem ser alvo de estudos pormenorizados, porque tais zonas/territórios podem acabar tomando uma proporção de abrangência e desregularização indesejada para um bom funcionamento da cidade (existem casos em que essa desregulação acaba tomando conta de todo um bairro ou até mesmo de toda uma cidade).

- **Equipamento "para-formal":** Os equipamentos foram divididos em três categorias quanto: ao tamanho, mobilidade e instalações. Encontrou-se muitas "para-formalidades" pequenas e móveis e outras muitas grandes e fixas (como os trailers, que possuem, em sua maioria, instalações hidráulicas e elétricas).

A cidade de Salvador, por exemplo, possuía muitos equipamentos pequenos móveis, como carrinhos de venda de sucos. Já em Bagé e Jaguarão, observou-se uma grande quantidade de trailers, que deveriam ser móveis mas, hoje, na maioria das vezes, encontram-se fixos nos locais que escolheram para permanecer, seja porque estão concretados ou fixos no solo, ou porque até mesmo podem possuir alguma estrutura ao seu redor. A maioria dos moradores de Bagé e Jaguarão concluiu que gosta dos trailers, porque eles trazem segurança à noite e são uma opção de alimentação barata, fazendo parte do cotidiano dos lugares, já usuários contrários aos trailers alegam que eles atrapalham o visual da arquitetura do local – "são feios".

Concluiu-se que os equipamentos grandes e fixos, "arquitetonicamente" não apresentam boas soluções, são na sua maioria adaptados e locados em pontos muitas vezes estratégicos para a percepção da imagem da cidade, muitos deles ocupando "grandes" áreas públicas. Além disso, muitos dos trailers capturados nas errâncias estavam em situação precária de conservação e higiene.

Já as cenas/atividades ambulantes e móveis, animam o espaço público da cidade, fazendo com que a cada momento nos deparemos com novidades, sensações, sons e paisagens diferentes. Os ambulantes e móveis trazem soluções criativas para o centro da cidade, inventam novos usos e para isso não poupam estratégias de

sobrevivência e vivência. Conseguem criar uma rede de dependência para seus usos e atividades – “é impossível viver sem eles”.

- **Corpo “para-formal”:** O corpo “para-formal” geralmente está presente nas atividades que observamos e muitas vezes ele é a própria “para-formalidade”, é o protagonista. Podem estar sentados, em pé ou caminhando. Em grupos ou solitários.

O “corpo-paraformal” é aquele que tenta vender seu produto sem “ponto comercial fixo”, sem um local determinado no mapa da cidade, a cada dia ou hora podem se deslocar, seja a procura de sombra ou de possíveis novos clientes, mas estão sempre por perto de aparatos, sejam públicos ou que eles próprios carregam.

Observou-se também que os corpos que acompanhavam os equipamentos médios e móveis geralmente se encontravam sentados ou em pé, ao lado do equipamento. Já nos trailers por exemplo, os corpos estavam dentro do próprio equipamento, podendo movimentar-se com certa facilidade.

Considerações finais

Notou-se, também, que as cenas “para-formais” não chegam a serem obstáculos, mas por outro lado pontos de referência – coisas interessantes (GEHL, 2013) – e que chegam a servir como parada e descanso ao pedestre (apoio corporal).

A partir das análises e cruzamentos de mapas, foi possível chegar a alguns resultados, como:

- 1) O "para-formal" é carregado de costumes e identidade/diferença cultural local;
- 2) O "para-formal" nos ensina novas soluções para a cidade na contemporaneidade, assim como anima, ensina, vive e experimenta a cidade;
- 3) O desenho urbano existente (legal) acomoda-se às cenas "para-formais" e vice-versa;
- 4) Ao mesmo tempo, o "para-formal" também em várias cenas polui, atrapalha e violenta a cidade e o cidadão e;
- 5) O "para-formal" denuncia a ausência de equipamentos urbanos e;
- 6) Os sujeitos do "para-formal" são verdadeiros atores da cidade, fazem eles mesmos o espaço da polis, lugar de política, de luta pelos direitos que ultrapassam o limite do estabelecido pelos órgãos que controlam a cidade.

Com base nos estudos, análises, oficinas e intervenções pode-se afirmar, ao final da pesquisa, que coexiste uma cidade “para-formal”, uma cidade paralela à cidade formal. Encontrou-se um espaço de indiscernibilidade, uma zona esfumada, onde podemos abandonar ou encontrar tudo aquilo que ali mesmo havíamos perdido. A cidade ora limita, ora liberta os corpos e as ideias, o tipo de movimentação experimentada no corpo dos usuários é modificado conforme a cidade modifica-se. O “para-formal” realiza agenciamentos entre os diversos usuários da cidade, e seu cotidiano arquiteta sua própria cidade - *Do It Yourself* -, interferindo diretamente na dinâmica da vida urbana e trazendo novas formas de pensar a cidade.

Caminhando nas brechas, margens e desvios do espetáculo urbano que surge outra cidade, intensa, viva. O "Outro urbano" é aquele que escapa, resiste, vive e sobrevive no cotidiano dessa outra urbanidade, através de táticas de resistência e apropriação do espaço urbano, de forma anônima (ou não) e dissensual, radical.

Esse "Outro urbano" se explicita através da figura do morador de rua, ambulante, camelô, catador, prostituta, artistas, entre outros. São estes que a maioria aponta por manter na invisibilidade, opacidade, sendo "alvos" da regulação, ou nas palavras de Paola Jacques (2012), "asepsia" dos projetos e intervenções urbanas. Portanto, compreende-se a importância das errâncias urbanas como forma de construção da cidade, abrindo espaço para discussões e pensamentos a respeito do lugar do ser humano.

Referências

- AGAMBEN, G. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- GEHL, J. **Cidades para as pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GEHL, J.; SVARRE, B. **How to study public space**. Londres: Island Press, 2013.
- GRIS PUBLICO AMERICANO. **Para-formal: ecologias urbanas**. Buenos Aires: Bisman Ediciones/CCEBA Apuntes, 2010.
- JACQUES, P.B. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LATOUR, B. **Políticas da natureza**. Bauru: UDUSC, 2004.
- PORTELA, T. A escuta às Resistências. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 13., 2009, Florianópolis. **Anais Encontros Nacionais da ANPUR**, v. 13, Florianópolis: 2009.
- ROCHA, E. Cartografias Urbanas. **Revista Projectare**, Pelotas, n. 2, p. 162-172, 2008.
- WENDERS, W. A paisagem urbana. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 23, 1994.